

## EDITORIAL

Pelas informações da antropologia, a história do subcontinente latino-americano iniciou-se, possivelmente, a quatorze mil anos. A invasão europeia (Espanha, Portugal, Inglaterra, França, Holanda) se deu no final do século XV. A partir daí, desencadearam as eliminações e destruições das nações indígenas, os verdadeiros donos daqui.

A nossa história, embora curta, é cheia de tragédias e contradições nos níveis sociopolíticos e econômicos. Partamos, agora, dos anos 1930, um ano após a Grande depressão (crise) de 1929. Com a força do Eixo, os EUA implementaram a “política de boa vizinhança” para as Américas Central e do Sul. Leia-se: influenciar econômica e culturalmente as Américas para blindar o Eixo.

Após a II Guerra Mundial, especificamente, a partir de 1954 a 1985, os americanos do norte criaram a “Operação Condor” (Carcará), um incentivo aos “regimes militares”, agora, para blindar a “guerra fria” contra a URSS.

Dentre os países que, com influência americana, derrubaram as democracias e instalaram as ditaduras militares, citamos o Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Guatemala, El Salvador, Nicarágua. A “Condor” coordenava a repressão a opositores das ditaduras e reprimia as lideranças de oposição.

Após os tristes tempos de “chumbo”, com as redemocratizações, a duras penas, o domínio mudou de tática e de conceitos. Foram implantadas as reformas neoliberais, não com a força das armas, mas com as orientações ideológicas do Fundo Monetário Internacional, claro com o aval de Washington. O imperialismo, com aparência simpática, continuou o seu domínio. Com concordâncias do imperialismo, foram implementadas reformas neoliberais com três blocos: o Mercosul, Comunidade Andina e América Central. Abraçando a política de mercado livre, mesmo as democracias de esquerda foram tomando um caminho a maior integração continental. Nesse prisma do Mercado, o Brasil e Argentina entraram no G20 (países industriais), sendo que o Brasil faz parte do G8.

Estamos no século XXI, 2014. Segundo os estudos econômicos, há uma percepção de que a América Latina mostra um nível de pobreza superior ao seu grau de desenvolvimento. Também, é a região com a maior taxa de desigualdade do mundo. Calcula-se que no ano que vem (2015) o Continente latino-americano deverá estar com 640 milhões de pessoas, com implicações diretas em torno

dos temas da fome e da pobreza. Há incerteza quanto ao futuro do Continente: as instituições funcionam mal. Os níveis de proteção social são muito baixos. As frágeis democracias não conseguem responder aos apelos e anseios dos interesses coletivos.

Algo novo, no entanto, tem se manifestado. Muitos movimentos de resistência ao domínio do império americano ou outros grandes mercados mundiais têm apresentado outra face nas relações latino-americanas.

É nesse contexto que alguns biblistas/articulistas do Centro-Oeste do Brasil quiseram escrever sobre a “Leitura Bíblica Latino-Americana a partir das Culturas Oprimidas”. O que a Bíblia tem a ver com as contradições latino-americanas?

Marcelo Barros leu as cartas do Apocalipse às sete igrejas (Ap 2–3) e, particularmente, a cartinha aos Efésios (Ap 2,1-7) para fazer um confronto de resistência com situações análogas na América Latina. Contou o surgimento do Bolívarismo, inspirado em Simon Bolívar (início do séc. XIX), que tem, a partir das décadas de 1970 em diante, inspirado os movimentos de resistência e esperança no Equador, Bolívia e Venezuela. Os índios e lavradores que, no continente, ainda lutam por seu direito à terra puderam sentir-se, a partir da leitura da Bíblia e no confronto com a realidade, como em um novo Êxodo. Citando Chiapas (México), a experiência socialista da Venezuela, as resistências do Equador e Bolívia, o autor diz que esses países conseguiram fazer uma justa reforma agrária, conseguiram aprovar leis para um estado multiétnico no qual os povos indígenas passam a ter direitos fundamentais e os oprimidos terem voz e vez no Congresso. Apesar de todas as dificuldades, esse movimento tem gerado dinamismos sociais e transformações progressistas em todo o continente.

Joel Ferreira partiu de dois textos da Primeira Epístola aos Coríntios: o primeiro (1,26-29) diz que Deus escolheu os fracos, os vis e os desprezados. O segundo (12,22-25) apresenta a opção preferencial pelos fracos, sendo um dos germes da Teologia da Libertação no Novo Testamento. Com essas citações, ele abordou a escravatura em Corinto dentro dos modos de produção escravagista romano. Depois, em parceria com Indiara Nunes, partindo dos dados da imprensa, dos documentos de várias instituições de resistência brasileira, mostrou que a escravatura, que teria sido erradicada no Brasil em 13 de maio de 1888, continua, nos dias de hoje, como escravatura análoga, tanto na zona rural como urbana, denunciando uma das vergonhas da 7ª economia do mundo. Se Paulo denunciou as injustiças em Corinto e fez a opção pelos fracos, também, no Brasil, existem grupos ou instituições que têm estado do lado dos escravos análogos de hoje.

Mais um articulista, Israel Serique, abordou a problemática da escravidão. Ele escreveu sobre o pensamento paulino em torno da questão da escravidão e as transformações sociais que sua teologia poderia ocasionar ao Império Romano. Por que o autor procurou implicar a postura de Paulo com a realidade do trabalho escravo no Pará? Ele justifica que o maior índice deste tipo de exploração humana se encontra no Pará, com 70% das ocorrências e, mais ainda, na região Sudeste

deste estado, marcada por conflitos acirrados e violentos. Diante deste contexto social de trabalho escravo, os escritos de Paulo podem ser lentes adequadas para se pôr em relevo esse sistema de expropriação, exploração e morte presente no estado do Pará.

Cristiano Santos Araújo investigou a temática da extrema pobreza, a partir da segunda carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, e a respectiva generosidade das Igrejas da Macedônia para a coleta e socorro aos irmãos pobres de Jerusalém. Estas relações socioeconômicas, tão conhecidas em solo latino-americano, perfazem o objeto de estudo para a hermenêutica conflitual da perícopa bíblica e da investigação das realidades latino-americanas e brasileiras, os invisíveis, fracos, vis e desprezados homens humanos de nossa época tão desumana. Para o articulista, a opção pelos fracos, desprezados e vis, tão conhecida em nossa territorialidade latino-americana, ainda no século XXI, é um desafio face ao imenso mar de necessidades locais.

O artigo de Ivoni Richter Reimer, em parceria com Danilo Dourado Guerra e Carolina Bezerra de Souza, faz memória de trabalhos exegeticos e hermenêuticos a partir das perspectivas libertárias latino-americanas. Analisa nessa perspectiva textos dos evangelhos de Marcos e de João, indicando soluções que as respectivas comunidades encontraram para conflitos específicos. Trata-se da participação e atuação das mulheres e do enfrentamento de conflitos nas relações sociais e religiosas, bem como de classe e etnia.

Valmor da Silva se propôs a apresentar alguns traços da santidade popular no judaísmo, olhando com a mesma ótica da santidade popular na realidade brasileira e latino-americana. Olhou os santos assim popularmente reconhecidos e, também, os santos profetas latino-americanos que são reconhecidos pela camada popular consciente e resistente. Com essa proposta de santidade popular, abordou o tema da santidade na Bíblia Hebraica, valorizando a ideia de consagração para além do conceito de separação e enfatizando a proposta profética de santidade enquanto luta pela justiça social. A partir daí, abordou alguns aspectos da santidade popular no Judaísmo, referindo-se a Deus próximo do seu povo, ao comprometer-se, inclusive, com promessas e juramentos. Além disso, expôs também o hassidismo, o essenismo e a cabala, como expressões da santidade popular de tradição judaica.

Dionivaldo mostrou que o texto do Evangelho de João (Jo 9) foi escrito em parte para responder à questão do conflito com a Sinagoga. O sinal da cura do cego de nascença nasceu como protesto da comunidade que resistiu, creu, confessou e testemunhou Jesus Cristo por meio de um excluído, cego e mendigo. Foi o testemunho de teimosia do 'pequeno'. Nos passos do ex-cego, o autor apresentou um grupo corajoso e ousado que, ao seu modo e expressando os sonhos de muitos, está fazendo ouvir sua voz profética, sua força e sua dimensão águia: são os Tapuia (região de Rubiataba-GO) que estão em busca da sua memória coletiva e a importância de sua identidade dentro de um cenário sempre excludente. Na figura

do ex-cego e também dos índios tapuia o leitor(a) se dará conta que o subalterno poderá falar e fazer conhecer seu valor.

Partindo do Evangelho de Mateus (Mt 5,20), fazendo um apanhado de todo o texto e procurando entender os conflitos daquele evangelho, Ailton de Souza Gonçalves e Neusa Valadares Siqueira descreveram uma das principais chaves desse escrito: a Justiça. Esta deve ser compreendida dentro do contexto da comunidade dos anos 80 dC. Entendendo o apelo para a busca da justiça, dentro do Evangelho, para a comunidade mateana, os autores fizeram um confronto com comunidades dos nossos dias, no Brasil, que foram e são injustiçadas pela estrutura assimétrica e, tantas vezes, racista de um sistema profundamente injusto: os escravos resistentes e fugitivos, os quilombolas. Suas origens e características são semelhantes às da comunidade de Mateus, pois ambas são estrangeiras e marginalizadas.

Rosemary Francisca Neves Silva trabalhou o 4º canto do escravo sofredor (Is 52,13–53,12) como memória da escravidão no exílio babilônico. Neste Canto o Servo/escravo aceitou a situação em silêncio como forma de protesto contra todas as injustiças que estava vivendo. A autora fez uma aproximação hermenêutica com a realidade do escravo sofredor, estabelecendo uma relação entre a figura do Escravo do quarto Canto e a mulher negra no período colonial brasileiro, evidenciando as aproximações de escravidão, tanto dos exilados do período babilônico, como das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial. Ela constatou que a mulher negra continua em sua grande maioria realizando atividades domésticas, ou seja, continuam nas casas de famílias. Sabemos que há várias mulheres negras que ocupam cargos administrativos, políticos, religiosos, na educação, ministérios e outros. Mas ainda é uma parcela muito pequena. Esta afirmação só foi possível pela luta das mulheres negras pela sua liberdade e de sua comunidade. Essa luta pela libertação de uma comunidade se assemelha muito à do servo/escravo Sofredor que fez a experiência de dor junto a outros escravos e, no meio deste povo, lutou pela libertação.

Que as leitoras e leitores deste número de Estudos Bíblicos nos ajudem a iluminar, com críticas e sugestões, outras leituras bíblicas latino-americanas a partir das culturas oprimidas. Neste número, apenas demos um pontapé inicial. Apontamos poucos conflitos dentro de tantas contradições. Quanta opressão, discriminação e repressão existem em tantas culturas do nosso subcontinente! Estamos muito longe de experimentarmos as simetrias comunitárias. A Bíblia deverá continuar a ser o referencial, pois a Palavra “é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho” (Sl 119,105).

*Joel Antônio Ferreira*